

CEDI

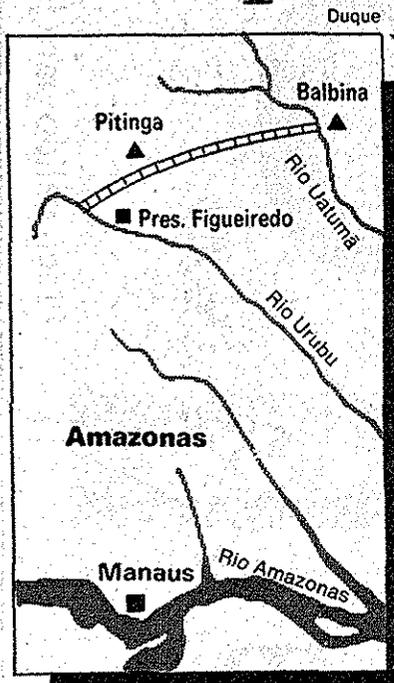
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil Class.: Energia / UHE

Data: 11/01/93 Pg.: 7 WTR00406

Barragem rompida causou prejuízos

MANAUS — Um acidente ocorrido em junho na hidrelétrica do Pitinga, no município amazonense de Presidente Figueiredo, obrigou a abertura de um vertedouro por onde vazaram de uma só vez 260 milhões de metros cúbicos de água, com impactos ambientais ainda não dimensionados. O acidente foi provocado pelo rompimento do maciço de terra da barragem de uma mina de cassiterita e zirconita, explorada pela Mineradora Taboca, do grupo Paranapanema. O fato, primeiro no gênero ocorrido em hidrelétricas no Amazonas, foi omitido pela Mineradora Taboca. A informação consta de um relatório da Curadoria do Meio Ambiente do Ministério Público. Muito provavelmente o acidente deve ter comprometido a qualidade



da água e prejudicado a ictiofauna a jusante da barragem”, opina o promotor público José Roque Nunes, que coordenou o levantamento ambiental da área.

Avaliação — Uma equipe de técnicos ambientais da Universidade do Amazonas, coordenada pelo pesquisador Frederico Arruda, está estudando os efeitos do acidente sobre as águas do rio Uatumã. Esta equipe havia analisado os impactos sobre o mesmo rio provocados pela hidrelétrica de Balbina, que fica a jusante da barragem de Pitinga.

Comprovado com base em documentos produzidos em três viagens de vistoria técnica, o acidente obrigou a mineradora a retirar emergencialmente todos os traba-

lhadores que operavam na usina. A informação é do padre Egidio Schwade, ligado ao Movimento de Resistência Waimiri-Atroari (Marewa), entidade que defende os interesses dos índios da região. A hidrelétrica do Pitinga foi construída pela mineradora para fornecer energia às atividades de extração de cassiterita e zirconita.

A Curadoria exigiu que a Mineradora Taboca apresente imediatamente um laudo de segurança da barragem da hidrelétrica, que justifique o seu funcionamento e possa prevenir novos acidentes. A mineradora terá também que fornecer periodicamente resultados analíticos da qualidade da água e dos sedimentos a jusante da barragem.

Radiação não ameaça

A exploração do minério semi-radioativo zirconita, realizada desde 1988 pela Mineradora Taboca no município de Presidente Figueiredo (AM), não está colocando a região em perigo. A constatação foi possível através de um levantamento realizado na mina pela Curadoria do Meio Ambiente do Ministério Público amazonense, depois que entidades ambientalistas manifestaram apreensão em relação às atividades da empresa.

O levantamento indicou que os

índices de radiação eram inferiores a 50 vezes os limites tolerados pela ONU para os efeitos de radiação atômica. Tanto na vila do Pitinga, onde moram os trabalhadores da mina, como no depósito de zirconita, onde toneladas de minério ficam estocadas, foram cumpridas as normas de segurança determinadas pela Comissão Nacional de Energia Nuclear. O coordenador de controle da energia nuclear em Pitinga é o físico Rex Nazareth, ex-presidente da Cnen.

Mineradora nega danos

SÃO PAULO — O superintendente de Operações da Paranapanema Minerações, Jairo Reis, negou que tenha havido impacto ambiental na região de Presidente Figueiredo e no rio Uatumã em função do acidente ocorrido na hidrelétrica de Pitinga. Segundo Reis, a operação ocorrida após a constatação de infiltrações na barragem foi “praticamente normal”. Ele garante que, mesmo que tivesse sido liberada toda a água da hidrelétrica, o nível do lago de Balbina “não subiria mais

do que 15 centímetros”.

Segundo Reis, a Mineradora Taboca construiu a tempo uma ensecadeira — barragem auxiliar que ajuda a baixar o nível de água — e analistas ambientais da hidrelétrica constataram que Balbina praticamente não sofreu interferência. “Se ocorreu, foi insignificante”, afirmou. O tamanho de Pitinga, segundo o superintendente, é infimo perto de Balbina e a barragem danificada deve estar reparada em dois meses.